



## A RELAÇÃO ENTRE PERSONAGENS E EXPERIÊNCIAS EM LEITURAS LITERÁRIAS DE ALUNOS DE ANOS INICIAIS: UM ESTUDO

**Rosa Maria Hessel Silveira**  
PPGEducação – UFRGS  
e-mail: [rosamhs@gmail.com](mailto:rosamhs@gmail.com)

**Mestre em Letras, Doutora em Educação, professora do PPGEducação, UFRGS;  
pesquisadora do CNPq**

**Edgar Roberto Kirchof**  
PPGEducação e Curso de Letras - ULBRA  
e-mail: [ekirchof@hotmail.com](mailto:ekirchof@hotmail.com)

**Mestre em Letras, Doutor em Letras, professor do PPGEducação, ULBRA;  
pesquisador do CNPq**

**Maria Isabel Dalla Zen**  
NECCSO – Faced – UFRGS  
e-mail: [beladzen@terra.com.br](mailto:beladzen@terra.com.br)

**Mestre e Doutora em Educação, professora aposentada da Faculdade de Educação  
da UFRGS; pesquisadora do NECCSO - UFRGS**

### Resumo:

O trabalho se insere em pesquisa maior, cujo objetivo é analisar dimensões da compreensão leitora de livros literários por alunos dos anos iniciais de escolas públicas. No projeto, são realizadas sessões de leitura compartilhada, seguidas de discussões e trabalhos variados conectados aos livros. Ao final das sessões, os alunos manifestam sua opinião sobre diversos aspectos dos livros lidos e das atividades. Nesta comunicação, analisamos um conjunto de respostas dadas por alunos de 5º ano de uma escola municipal de Porto Alegre, após sessões com três livros diversos. Entre outros tópicos, as crianças foram solicitadas a responder à questão: “Nesses livros, existe algum personagem que você acha parecido com alguém que você conhece muito, na sua família, entre os amigos, os vizinhos ou na escola? A motivação para a inserção da questão veio do reconhecimento da centralidade dos personagens para a “adesão afetiva e intelectual do leitor à narrativa” (Cademartori, 2009), assim como da relevância do estabelecimento de nexos entre o mundo ficcional e o mundo vivido do leitor. A análise global das respostas evidenciou variedade de motivações para o estabelecimento da semelhança entre personagem e “pessoa real”, que ora se inspirou em aspectos da representação imagética (idade, etnia, p.ex.) nas ilustrações, ora em atitudes e características que os leitores identificaram nas personagens (“ter medo de tudo”, “adorar falar com todo mundo” etc.). Também foi possível observar tendências nas respostas que parecem se conectar ao gênero dos alunos (meninos e meninas): houve maioria de meninos que se referiam a características físicas, enquanto todas as respostas de meninas fizeram referência a atitudes, comportamentos e gostos. O trabalho traz

elementos para a análise mais detida das leituras infantis, assim como sobre a reflexão entre as conexões que se estabelecem entre leitura e experiência.

### **Palavras chave**

Literatura infantil – anos iniciais – personagens - leitura

### **Abstract:**

In this work, we present part of the findings of a larger research project whose objective is to analyze dimensions of reading comprehension of literary books by students of elementary public schools in southern Brazil. Some of the activities conducted with the children are shared reading sessions, followed by discussions and works connected to the books. At the end of the sessions, the children were prompted to express their own opinions on various aspects of the books that were read as well as on the activities that were conducted. In this essay, we analyze a set of answers given by 5th year students of a municipal school in Porto Alegre, which were collected after the reading sessions. Among other topics, the children were asked to answer the following question: “Is there any character in these books that you believe to resemble someone you know a lot in your family, a friend, a neighbor or someone at the school?” The reason to ask this question is the centrality of fictional characters for the “affective and intellectual adherence of the reader to the narrative” (Cademartori, 2009), as well as the importance of creating links between fictional worlds and the lived experience of the reader. The global analysis of the children’s answers showed a variety of motivations, on the part of the children, when they saw similarities between a certain character and a “real person”. Sometimes, the connection was inspired by visual aspects (such as age, ethnicity, etc.) in the illustrations, sometimes in attitudes and characteristics that the readers identified in the characters (“to be afraid of everything”; “to love to speak with everybody”, etc.). It was also possible to observe that many responses are gender related (boys and girls), since most of the boys referred to physical characteristics, whereas all girls' answers referred to attitudes, behaviors and tastes of the characters. Therefore, this work brings elements for the closer analysis of children's readings that are particularly related to the way children create connections between fictional reading and lived experience.

### **Key words**

Children's literature – elementary school - fictional characters - reading

### **Introdução**

Este estudo está inserido dentro de uma pesquisa mais ampla intitulada PERCURSOS E REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA EM LIVROS PARA CRIANÇAS – UM ESTUDO DE OBRAS E DE LEITURAS, cujo objetivo geral é analisar dimensões da compreensão leitora de alunos dos anos iniciais de escolas públicas, frente a um conjunto delimitado de obras literárias contemporâneas. Em uma das vertentes do projeto, são realizadas sessões de leitura compartilhada em sala de aula, filmadas e gravadas em áudio-vídeo, seguidas de discussões e trabalhos variados a partir dos livros previamente escolhidos. Nestas sessões, o grupo de pesquisadores – inspirando-se em um planejamento detalhado e construído em equipe - coordena cada etapa do trabalho com os alunos: a introdução da obra a ser explorada, a conversa compartilhada após a leitura realizada em voz alta e, ainda, atividades escritas ou gráfico-

plásticas alusivas à temática em pauta. Fundamentam o planejamento das sessões, entre outras, as propostas de Chambers (2007), autor que, a partir de variadas experiências com grupos distintos de discussão de leituras, argumenta a favor da importância do compartilhamento de percepções de leitura em conversas, para o enriquecimento e aprofundamento de diferentes significados possibilitados pelos livros. Em sua obra desafiadora – *Dime* – (Chambers, 2007), o autor explora possibilidades e “problemas” que algumas perguntas feitas pelo mediador acarretam e que têm nos inspirado nesta exploração conjunta de leituras de obras junto às crianças. Embora não se situe no escopo deste trabalho a exploração das discussões feitas em aula, a partir das transcrições, é possível que nele ecoe tal compartilhamento de significados.

Pois bem: ao final da realização do conjunto de sessões, é aplicado um instrumento em que os alunos são convidados a dar sua opinião sobre diversos aspectos dos livros lidos e das atividades realizadas. Para este trabalho, especificamente, nos debruçamos sobre um conjunto de respostas dadas por alunos de 5º ano de uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre, após sessões de leitura e discussão dos livros “As panquecas de Mama Panya” (Mary e Rich Chamberlin; Julia Cairns); “A viagem” (Francesca Sanna) e “De flor em flor” (Jon Arno Lawson e Sydney Smith). O questionamento cujas respostas analisamos diz respeito às personagens de tais obras.

### **Importância das personagens em narrativas para crianças**

É evidente a relevância das personagens nas narrativas. Como relembra Cademartori (2009, p. 27), “é em torno das personagens que gira a ação, em função delas se organiza a narrativa”. É bastante conhecido o fato de que, para identificarmos ou caracterizarmos uma narrativa em sua totalidade, nos valemos – informalmente – de uma referência a seus protagonistas, como se a parte representasse o todo: “É uma história de uma menina cuja mãe manda que ela leve bolo à sua avó...”; “É a história de um gato esperto...”; “É a história de um ogro simpático e trapalhão...”. Tal fato também ocorre no universo infantil, em que as crianças costumam rememorar as histórias através da alusão às personagens que nelas atuam.

Se a importância das personagens é equivalente tanto nas narrativas literárias para adultos quanto nas narrativas para crianças, por outro lado, a profundidade e os recursos utilizados para a construção das mesmas difere. Conforme Cademartori (2009, p. 27-28) observa, as “personagens de histórias infantis, de modo geral, tendem a representar determinadas situações ou comportamentos, mais do que permitem ser identificadas como a criação literária de uma individualidade possível, de acordo com determinadas características psicológicas mais ou menos complexas”. Efetivamente, contribui para tal caracterização a extensão das obras para crianças, assim como uma exploração menos sofisticada de estratégias de composição literária por parte dos autores, tendo em vista a adequação às possíveis competências leitoras das crianças.

Outro aspecto também central nas obras contemporâneas para crianças está relacionado com a apresentação das personagens – as obras infantis (em sua grande maioria) resultam de um amálgama entre texto escrito e ilustrações, de tal forma que, diferentemente da maior parte das obras literárias escritas para adultos, o leitor infantil toma contato simultaneamente com um discurso verbal sobre os personagens – sobre o

que fazem e dizem, por exemplo – e com uma representação imagética, que pode ser construída em diferentes estilos, com maior ou menor detalhamento, alinhada com diferentes tendências estéticas e técnicas de produção de imagem etc. No caso dos livros de imagens, de maneira especial, em que a narrativa se constitui pela sucessão de cenas visualmente apresentadas, as personagens são construídas apenas pelo discurso imagético.

Pois bem: no projeto que desenvolvemos, na sessão final de avaliação, entre outros tópicos, as crianças foram solicitadas a responder às seguintes questões: “Nesses livros, existe algum personagem que você acha parecido com alguém que você conhece muito, na sua família, entre os amigos, os vizinhos ou na escola? Qual é o personagem? Com quem você acha que ele/ela se parece? Por que você acha que eles são parecidos?” A motivação para a inserção da questão veio do reconhecimento da centralidade dos personagens para a “adesão afetiva e intelectual do leitor à narrativa”, como aponta Cademartori (2009), assim como da relevância do estabelecimento de nexos entre o mundo ficcional e o mundo vivido do leitor. De maneira mais próxima, a questão replica e adapta uma sugestão de Chambers sobre “perguntas especiais”: “Alguno de los personajes te recuerda a alguien que conozcas?” (Chambers, 2007, p. 120).

### **Breve notícia sobre os livros trabalhados**

Os três livros trabalhados nas sessões correspondentes ao presente estudo têm temáticas e formas composicionais distintas. “As panquecas de Mama Panya” (Mary e Rich Chamberlin; Julia Cairns), editado pela casa SM, é uma obra traduzida do original “Mama Panya’s pancakes”, publicada em 2005. A narrativa é ambientada no Quênia, e todo o projeto gráfico do livro marca esta ambientação: as ilustrações são detalhadas (animais, utensílios, atividades habituais) e têm uma evidente busca por representar os espaços em que se passa a trama como autênticos. As ilustrações, de cunho realista, cobrem integralmente as páginas duplas, e sobre elas são apostos boxes com o texto narrativo. As personagens são negras, e há numerosos paratextos ao final do livro, sobre “O dia a dia de uma aldeia no Quênia”, “A caminho do mercado” (animais do país), “Falando kiswahili” (sobre as línguas do Quênia), “Cumprimentos e tratamentos em kiswahili”, “O Quênia” e “A panqueca de Mama Panya” (receita). Na narrativa, escrita em terceira pessoa, acompanhamos Mama Panya e seu filho Adika no percurso para o mercado, no qual Mama pretende comprar alguns ingredientes – com apenas duas moedas – para fazer panquecas. À medida que vão encontrando vários conhecidos e amigos, o menino vai fazendo convites para que eles também venham comer as panquecas, provocando a preocupação de Mama com o equilíbrio entre a quantidade de convidados e a comida. Mas à medida que os convidados vão chegando, eles também vão trazendo algumas contribuições de alimentos para as panquecas, e, por fim, o “banquete” acontece embaixo de um baobá, para alegria do menino.

“A viagem”, de Francesca Sanna, traduzido do original publicado em 2016, nos traz uma narrativa em 1ª pessoa, através da voz de uma criança cujo gênero não é estabelecido na narrativa. O tema da narrativa é a fuga da família – mãe e um casal de filhos – de um país em guerra. O texto é econômico e procura retratar o ponto de vista do narrador infantil, o que pode ser percebido, entre outros, a partir da seguinte citação: “Não queríamos partir, mas a mamãe explicou que seria uma grande aventura. Colocamos tudo o que tínhamos nas malas e nos despedimos de todos.” Já as ilustrações contêm sugestões geográficas imprecisas, incorporam situações comuns nas histórias de

fugitivos e refugiados contemporâneos (viagens longas, muros e guardas em fronteiras, fugas em botes pelo mar), além de explorar silhuetas e imagens que conotam situações de medo e esperança. As personagens não são nomeadas, e a história fica em aberto, encerrando-se com o símile que a criança narradora faz em relação à situação de sua família e de pássaros em migração: “Eram migrantes como nós. E a viagem deles era tão longa quanto a nossa. Só que os pássaros podiam cruzar qualquer fronteira. Espero, um dia, como esses pássaros, que consigamos encontrar um novo lar. Um lar onde possamos ficar seguros e recomeçar a nossa história.” (s/p)

A terceira obra – “De flor em flor” – de Jon Arno Lawson e Sydney Smith, vertida do original inglês de 2015, foi publicada em 2017 pela Companhia das Letrinhas e difere das anteriores por consistir em um livro de imagens. A partir de imagens que tomam toda a página ou que se apresentam em quadros menores, o leitor pode acompanhar a trajetória de uma menina com capinha vermelha e seu pai caminhando por diversas ruas e espaços urbanos, até chegarem à sua casa. Há um interessante jogo de quadros apenas em preto e branco ou com apenas um ou dois detalhes coloridos, como é o caso da capinha vermelha que a menina veste e das flores que ela vai colhendo na rua e depositando em lugares diferenciados, como sobre um passarinho morto num parque. O personagem pai é apresentado como um sujeito ocupado (frequentemente ao telefone celular) e, à medida em que pai e filha se aproximam de casa, onde encontram a esposa/mãe e dois filhos/irmãozinhos, as cores se tornam mais presentes. Como a narrativa é totalmente imagética, não há nomes para a protagonista e seu pai.

### Alguns resultados

Inicialmente, trazemos, abaixo, recortados do instrumento aplicado às crianças, alguns exemplos “vivos” de respostas dos alunos à questão motivadora sobre a relação entre personagens dos livros e suas experiências cotidianas com pessoas parecidas com tais personagens.

III. Nesses livros, existe algum personagem que você acha parecido com alguém que você conhece muito, na sua família, entre os amigos, os vizinhos ou na escola?

Qual é o personagem? Mamma Panya

Com quem você acha que ele/ela se parece? com a minha mãe

Por que você acha que eles são parecidos? Porque minha mãe também não é coisista e mamã também não

III. Nesses livros, existe algum personagem que você acha parecido com alguém que você conhece muito, na sua família, entre os amigos, os vizinhos ou na escola?

Qual é o personagem? A mãe de "A viagem"

Com quem você acha que ele/ela se parece? com a minha mãe.

Por que você acha que eles são parecidos? Por que os dois sempre querem proteger seus filhos

III. Nesses livros, existe algum personagem que você acha parecido com alguém que você conhece muito, na sua família, entre os amigos, os vizinhos ou na escola?

Qual é o personagem? ADIKA MUITO PARECIDO COM O BRAYAN E A LINDA

Com quem você acha que ele/ela se parece? COM BRAYAN

Por que você acha que eles são parecidos? PELO O CABELO E A COR NEGRA

Em primeiro lugar, observe-se que houve bastante variedade de respostas nesta identificação de personagens pelas crianças da turma focalizada neste estudo. Em relação às personagens presentes no livro “As panquecas de Mama Panya”, seis alunos citaram Adika, o personagem menino que vai convidando os amigos para comerem panquecas que a Mama Panya fará. Quatro alunos caracterizaram o personagem como sendo parecido com eles mesmos, com um familiar ou algum conhecido, devido a características físicas – “Porque os dois têm a mesma idade e mesma cor de pele”; “Pelo cabelo e a cor negra”; “Porque ele é parecido com a minha cara”; “O tom de pele, o sorriso. Estão sempre felizes não importa o que aconteça”. Duas alunas, além da última resposta, atribuíram a semelhança ao jeito ou atitude do personagem: “Por eles terem o mesmo jeito”, “Porque o Adika adora falar com todo mundo e o meu irmão também é assim”. Um dado interessante é que os três meninos e a menina que aproximaram Adika a algum colega, parente ou a si mesmos pela “cor de pele”, “tom de pele”, “cor negra” são também negros, observando-se, ainda, que o menino de tez mais escura foi o que registrou que Adika “é parecido com a minha cara.”

Ainda em relação ao mesmo livro, quatro alunos citaram a personagem Mama Panya, argumentando que a acharam parecida com suas mães (e também com uma irmã), pelas características de personalidade, pelo seu jeito de ser, pelos seus gostos (mas não pela cor da pele, por exemplo): “Porque a minha mãe adora panquecas”; “porque minha mãe também não é egoísta”; “Porque ela canta igual a Mama Panya”. Observe-se que, na sessão de leitura do mesmo livro, algumas semanas antes, as respostas fornecidas para o questionamento oral pós-leitura sobre uma eventual semelhança dos personagens com os próprios alunos não apontaram tais relações. Vejamos um breve excerto da conversa então realizada:

Pesquisadora : E os personagens desse livro se parecem conosco?

[vários alunos juntos]: Não!

P: Que que têm de diferente?

Aluno 1: A cor!

Aluna 2: Cabelo, jeito de vestir!

Aluno 3: O jeito de andar! Eles moram em uma casa de palha!

P.: E o fogão, né?

Aluno 4: E ela apaga o fogo com o pé!

Pode-se supor que, no primeiro momento de contato com os contextos trazidos pela narrativa (especialmente em suas imagens) – ambiente rural – bem distintos do bairro popular de metrópole onde vivem os alunos, estas impressões sobre costumes e ambiente diverso tenham marcado mais as crianças do que reflexões sobre os comportamentos e disposições das duas personagens, o que emergiu mais tarde, inclusive na conversa de retomada da leitura, uma semana após.

Em relação ao segundo livro que descrevemos (A viagem), relembremos que ele trazia uma situação bastante diferente das experiências vividas pelos alunos – a fuga ou emigração compulsória de uma família cujo lugar de origem é assolado por uma guerra. Em relação a essa narrativa onde, os personagens não recebem nome, três alunos citaram a personagem mãe pelas atitudes e ações habituais semelhantes às mulheres de suas famílias: “Porque ela está sempre ocupada” [irmã]; “porque as duas sempre querem proteger seus filhos” [mãe]; “porque elas falam algumas coisas iguais” [mãe]. Efetivamente, a personagem tem poucas falas no livro original, quase sempre tranquilizadoras para seus filhos (como “Estamos chegando”, quando o bote em que eles viajavam se aproximou da costa), mas as atitudes protetoras se sobressaem nas diversas passagens da trama.

Observe-se que, já na discussão após a leitura, na sessão destinada à obra, a personagem materna havia chamado a atenção dos alunos. Vejamos um excerto:

Pesquisadora: E aí, o que chamou a atenção de vocês nessa história?

Aluno 1: O gigante, porque ele ajudou eles a [inint]

Aluna 2: *Por causa que* a mãe dela deu dinheiro pra ele e ajudou...

Aluna 3: A resistência da mãe deles... Eles... Mesmo eles passando dificuldade a mãe deles não largou eles!

Aluna 4: Ela não teve medo...

Por outro lado, não se pode deixar de registrar que, ainda que nenhuma das crianças da turma tenha efetivamente vivido uma situação de imigração forçada em virtude de guerras, certamente, em muitas de suas configurações familiares, o papel materno também deve ser de proteção e organização do próprio núcleo familiar, como demonstram numerosas pesquisas e levantamentos sobre as experiências e percalços das famílias de classes populares.

Ainda em relação à obra de Francesca Sanna, dois alunos mencionaram a personagem menina, aproximando-a a uma prima e a uma amiga, pelo fato de que elas seriam medrosas, assustadas: “Porque a menina é bem assustada”; “porque ela tem medo de tudo [amiga]”. Evidentemente, há aí uma abstração das condições nas quais a personagem menina se revela tão medrosa. Já um aluno declara-se semelhante ao menino em fuga, simplesmente “pela cara”. É importante notar que as ilustrações dos personagens são bastante esquemáticas, não mostrando, por exemplo, peculiaridades faciais para além das atribuíveis ao gênero: corte de cabelo, por exemplo.

Em relação ao livro “De Flor em Flor”, livro de imagens em que a protagonista menina caminha pela cidade com seu pai, colhe flores em lugares inusitados e as deposita ou entrega também em situações variadas, três alunos citaram a protagonista pelo seu apreço por flores, semelhante ao de familiares-irmãs: “Porque minha irmã adora flores”; “porque elas adoram flores”; “porque minha irmã vê uma flor e pega”. Um aluno referiu a mesma personagem pela sua alegria: “Porque elas são alegres”, personagem e irmã. Ainda em relação a esse mesmo livro, dois alunos citaram o personagem pai pelas suas atitudes e ações habituais, parecidas com as dos seus próprios pais: “Porque meu pai não sai do celular”; “porque ele não dá atenção para os filhos”.

Essas alusões vêm ao encontro da “tradução” que as crianças foram fazendo, com palavras, das imagens que compunham a narrativa do livro, na sessão a ele dedicada. Abaixo, trazemos algumas das falas por eles realizadas nesse contexto:

Aluna 1: Sempre aonde ela vê flor, ela quer pegar...

Aluno 2: Ela tá pegando mais flor e o pai dela tá distraído mexendo no celular de novo!

Aluna 3: O pai dela tá no celular e não tá dando atenção pra ela e ela tá triste...

Aluna 4: Porque sempre que ela acha uma flor, ela enfeita os lugares...

Outra questão que chamou atenção é que algumas tendências de respostas parecem estar vinculadas ao gênero dos alunos (meninos e meninas). Ao caracterizarem os personagens, os meninos fizeram mais referências às suas características físicas, ao passo que, nas falas das meninas, predominaram referências a atitudes, comportamentos e gostos. Em termos numéricos, das 9 respostas dos meninos, 5 se referiram a características físicas; das 13 respostas das meninas, todas mencionam atributos mais vinculados ao comportamento ou ao temperamento. A única resposta de menina onde foi citada uma característica física também incluiu um elemento de temperamento. Para exemplificar, uma resposta típica dos meninos foi “Porque ele é parecido com a minha cara”, e uma fala típica das meninas foi “Estão sempre felizes não importa o que aconteça”.

### **Considerações finais**

A análise global das respostas evidenciou uma variedade de motivações para o estabelecimento de uma possível semelhança entre personagem e “pessoas reais”, que tanto se inspirou em aspectos da representação imagética (motivados, por exemplo, pela idade ou pela etnia) nas ilustrações dos livros, quanto em atitudes e características mais vinculadas ao caráter ou ao comportamento que os leitores identificaram nas personagens (“ter medo de tudo”, “adorar falar com todo mundo”, “estar sempre feliz” etc.). Como foi afirmado anteriormente, foi possível observar uma certa tendência dos meninos para realizar relações baseadas na aparência visual e das meninas para basear suas relações em atributos de comportamento, temperamento ou gosto.

O trabalho buscou subsídios em Reuter (2007) e Cademartori (2014) para interpretar as respostas apresentadas, contextualizando-as em relação a todo o trabalho desenvolvido com os alunos, ao ambiente social e cultural em que eles estão inseridos e às características específicas (textuais e imagéticas) dos livros explorados em conjunto. Nesse sentido, foram observadas, nas respostas, reverberações das discussões feitas em aula (gravadas e transcritas), de um lado e, de outro, interpretações de cunho mais subjetivo e pessoal.

Observe-se que os espaços focalizados nas três narrativas, mesmo quando não delineados com precisão, têm elementos que os diferenciam do ambiente onde vivem as crianças da escola, o que não impede o exercício de aproximação entre personagens e experiência vivida. Visto que a escola está situada em uma zona periférica de Porto Alegre, em uma região com problemas de infraestrutura e população de baixa renda, as condições sociais desfavoráveis de grande parte dos alunos certamente influenciaram suas leituras e interpretações.



O trabalho procurou contribuir para a compreensão mais refinada de processos de formação de leitores na fase inicial de escolarização e para a importância de uma escolha qualificada de obras narrativas e de uma mediação sensível na leitura das crianças. Nesse sentido, deve ser destacado que a escolha das obras trabalhadas na escola levou em conta a qualidade literária das mesmas, baseada na verossimilhança e na densidade quanto à construção de personagens, tanto no que se refere às narrativas verbais quanto às narrativas puramente imagéticas.

Michele Petit (2013, p. 39), ao abordar a questão da leitura de obras literárias, tematiza o que chama de “papel da leitura na construção de si mesmo, na elaboração da subjetividade” e chama a atenção para o fato de que, embora este seja um velho tema, tem sido postergado frente às classificações contemporâneas que opõem “leituras úteis” a “leituras de entretenimento”, “leitura escolar” a “leitura de prazer” etc. A autora, a partir de entrevistas com leitores muito variados e que praticam a leitura em situações até adversas, chama a atenção para o fato de que “a leitura permite elaborar um espaço próprio” para os leitores, “inclusive em contextos onde nenhum espaço pessoal parece ter sobrado” (p. 41). No desenvolvimento de sua argumentação, Petit adentra o campo da “identificação” dos leitores e dos mundos ficcionais que eles percorrem, mostrando a força que o espaço da leitura literária pode conferir aos leitores. Nessa perspectiva, finalizamos este texto com o seguinte excerto da autora:

Ler não nos separa do mundo. Somos introduzidos nele de uma maneira diferente. O mais íntimo tem a ver com o mais universal, e isso modifica a relação com os outros. A leitura pode contribuir, desse modo, para a elaboração de uma identidade que não se baseia no mero antagonismo entre “eles” e “nós”, minha etnia contra a sua, meu clã, meu povo ou meu ‘território’ contra o seu. Pode ajudar a elaborar uma identidade em que não se está reduzido apenas a laços de pertencimentos, mesmo quando se tem orgulho deles, e levar à construção de uma identidade plural, mais flexível, mais adaptável, aberta ao jogo e às mudanças.” (p. 55)

### **Referências bibliográficas**

- CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura – para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CHAMBERLIN, Mary e Rich. *As panquecas de Mama Panya*. Ilustrações de Julia Cairns. São Paulo: Edições SM, 2005.
- CHAMBERS, Aidan. *Dime*. México: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- LAWSON, Jon Arno; SMITH, Sydney. *De flor em flor*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.
- PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- REUTER, Yves. *A análise da narrativa*. Rio de Janeiro: Difel, 2007.
- SANNA, Francesca. *A viagem*. São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2016.